



Amostra

Por Genevieve Cogman

Série A Biblioteca Invisível

A Biblioteca Invisível

A Cidade das Máscaras

A Página em Chamas

A Trama Perdida

A Palavra Mortal

O Capítulo Secreto

The Dark Archive

The Untold Story

Trilogia A Revolução Escarlate

Escarlate



ESCARILATE

França, 1973

A revolução quer sangue.

Mas os vampiros
mordem de volta.

GENEVIEVE COGMAN

Autora da série *A Biblioteca Invisível*

Tradução de Alessandro Mathias



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

Escarlate

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 GENEVIEVE COGMAN

ISBN: 978-65-6099-117-0

Translated from the original Scarlet. Copyright © 2023 by Genevieve Cogman. ISBN 9781529083729 First published 2023 by Tor, an imprint of Pan Macmillan, a division of Macmillan Publishers International Limited. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C678e
Cogman, Genevieve
Escarlate / Genevieve Cogman; tradução de
Alessandro Mathias. Morro Branco, 2026.
312 p.; 13,3 x 20,3 cm.
Titulo original: Scarlet
ISBN 978-65-6099-117-0
1. Ficção inglesa. 2. Romance histórico. 3. Fantasia.
4. Vampiros - Ficção. I. Mathias, Alessandro.
II. Título.
CDD 823.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa contemporânea 823.92

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenação Editorial: Beatriz de Assis & Illysbelle Trajano

Tradução: Alessandro Mathias

Copidesque: Luiza Thomaz

Revisão: Eveline Machado


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



À equipe de Terminologia e Classificações,
que tenho certeza de que me salvaria da guilhotina.

Amostra



A REVOLUÇÃO FRANCESA: ALGUMAS BREVES NOTAS

Desigualdades social e econômica — desemprego, altos preços dos alimentos, depressão econômica, má gestão tributária e resistência a reformas por parte da elite dominante — nem sempre levam a uma revolução em escala nacional e à execução pública do rei. Mas, às vezes, sim.

Uma discussão completa da Revolução Francesa seria muito mais exaustiva e precisa do que estas poucas páginas (e também não incluiria vampiros). Ainda assim, a maioria das pessoas concorda que ela realmente começou com a tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, depois que circularam rumores de que o rei Luís XVI planejava fechar a **Assembleia Nacional**, uma assembleia formada por membros da população geral, e impedir reformas. Levantes camponeses se seguiram por todo o país; numa tentativa de acalmar a população, a Assembleia Nacional publicou os **Decretos de Agosto**, que aboliram o feudalismo (incluindo a isenção de impostos da nobreza), os dízimos e a venda de cargos judiciais, e proclamaram a igualdade perante a lei, a liberdade de culto, entre outras medidas. Além disso, a criação da **Guarda Nacional** fez de Paris a cidade mais bem policiada da Europa. Com pouca escolha, Luís XVI concordou relutantemente com uma monarquia constitucional e passou a usar uma cocarda

tricolor. A **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão** foi adotada em agosto de 1789.

Até aqui, tudo bem.

No entanto, a Assembleia estava cada vez mais dividida. A situação chegou ao limite em junho de 1791, quando a família real tentou fugir de Paris em busca de refúgio na Áustria. Eles foram reconhecidos e presos, e a opinião pública se voltou contra o rei; ele foi acusado de tentar organizar uma ação contrarrevolucionária, uma traição à Revolução e à sua ideologia. A Assembleia exigiu juramentos de lealdade ao regime, e o medo de “espiões e traidores” se espalhou. Preparativos para a guerra começaram. Durante esse período, muitos aristocratas franceses, privados de terras e privilégios, fugiram da França para países mais simpáticos à sua causa. Outros se juntaram a rebeliões contrarrevolucionárias ou tentaram tirar o melhor proveito possível da situação.

A guilhotina foi introduzida na França para execuções públicas em abril de 1792. Ela era considerada ao mesmo tempo misericordiosa e um símbolo de igualdade entre os cidadãos (em vez da antiga espada ou machado para a nobreza e da forca para os plebeus). Frequentemente, era chamada de “Navalha Nacional”.

Em 20 de abril de 1792, começaram as **Guerras Revolucionárias Francesas**, quando exércitos do país atacaram forças austríacas e prussianas ao longo de suas fronteiras. Em 25 de julho, o duque de Brunswick publicou o **Manifesto de Brunswick**, que prometia que, se a família real da França permanecesse ileso, os Aliados (Áustria e Prússia) não feririam civis franceses nem saqueariam o território. No entanto, se houvesse violência ou atos destinados a humilhar a família real, os Aliados reduziriam Paris a cinzas. Em 1º de agosto, a notícia do manifesto chegou a Paris e enfureceu a população. Uma multidão atacou o Palácio das Tulherias, e Luís e sua família buscaram refúgio na Assembleia; os deputados presentes votaram por “afastar temporariamente o rei”, suspendendo a monarquia.

Em agosto de 1792, foi eleito o novo parlamento — a **Convenção Nacional**. Em setembro, a Convenção substituiu a monarquia pela **Primeira República** Francesa, introduziu um

novo calendário e levou o **cidadão Luís Capeto** (antes Luís XVI) a julgamento por “conspiração contra a liberdade pública e a segurança geral”. Em 17 de janeiro de 1793, ele foi condenado à morte; em 21 de janeiro, foi executado. Isso horrorizou conservadores de toda a Europa (ter uma revolução já era ruim o suficiente, mas matar o rei era algo que simplesmente Não Se Fazia). Em fevereiro, a Grã-Bretanha e a República Holandesa se juntaram à aliança contra a França.

A raiva popular, o recrutamento em massa, a fome e outros fatores provocaram novas rebeliões por toda a França, desta vez contra a Convenção. Em resposta, o **Comitê de Salvação Pública** foi criado em abril de 1793, encarregado de “proteger a nova república contra seus inimigos externos e internos”. Ele recebeu amplos poderes de supervisão e administração sobre as forças armadas, o Judiciário e o Legislativo. Apesar da turbulência interna e de uma tentativa de golpe, uma nova constituição foi redigida, contendo reformas radicais. No entanto, ela foi suspensa após o assassinato do líder revolucionário Jean-Paul Marat, em julho, fato que o Comitê de Salvação Pública usou como pretexto para assumir o controle total. A Convenção estabeleceu controles de preços sobre uma ampla gama de produtos, com pena de morte para açambarcadores, e, em 9 de setembro, “grupos revolucionários” foram criados para aplicá-los. Em 17 de setembro, a **Lei dos Suspeitos** ordenou a prisão de supostos “inimigos da liberdade”, dando início ao que ficaria conhecido como o “Terror”...



PERSONAGENS

A casa de Lady Sophie:

LADY SOPHIE, baronesa de Basing

SR. BARKER, mordomo

SRA. SWAN, governanta

SRA. DOMMINGS, cozinheira

ELEANOR DALTON, criada

SARAH, MELANIE, criadas

A casa dos Blakeney:

SIR PERCY BLAKENEY E LADY MARGUERITE BLAKENEY,
aristocratas

SRA. BANN, governanta

SR. STURN, mordomo

SRA. JENNET, cozinheira

ALICE, MELISSA, REBECCA, BETTY, ANNE, MAGGIE, criadas

JAMES, lacaio

A Liga do Pimpinela Escarlate:

SIR ANDREW FFOULKES, aristocrata
LORDE ANTHONY DEWHURST, aristocrata
LORDE CHARLES BATHURST, aristocrata e erudito
Outros cavalheiros de família nobre e vida ociosa

A família real francesa:

LUÍS XVI (falecido), ex-rei da França
MARIA ANTONIETA, rainha da França
LUÍS CARLOS, delfim
MARIA TERESA CARLOTA, princesa e filha de Luís XVI
MADAME ISABEL, princesa e irmã de Luís XVI
Habitantes não aristocratas da França:

ARMAND CHAUVELIN, agente do Comitê de Salvação Pública
DESGAS, secretário de Chauvelin
FLEURETTE, membro da casa de Chauvelin
LOUISE ROGET, governanta de Chauvelin
ADÈLE, “de origem desconhecida”, criada na casa de Chauvelin
CIDADÃ CAMILLE, revolucionária ardorosa



PRÓLOGO

Condessa?

A voz de Henri era pouco mais que um sussurro, e seu toque na porta do quarto dela, um leve arranhão; ainda assim, é claro, ela o ouviu. Mesmo à luz do dia, os sentidos da condessa eram mais aguçados que os dos vivos.

— Entre — ordenou ela.

Ele alisou o casaco num reflexo automático e entrou, curvando-se em reverência. A condessa d'Angoulême estava sentada à escrivaninha, uma pilha de documentos espalhada sobre ela, mas a caneta que girava entre os dedos permanecera inativa tempo suficiente para a tinta secar na pena. Dois castiçais dourados iluminavam o aposento, suas chamas saltando com a súbita corrente de ar. As cortinas de brocado violeta estavam cerradas para barrar a luz do sol; podia não queimar a condessa, como afirmavam os supersticiosos, mas ela nunca gostara dela. Nenhum vampiro gostava.

Ela ergueu os olhos dos papéis e o avaliou com seus olhos escuros como amor-perfeito e, como sempre, o coração dele pareceu se contrair de pura admiração. Diferente da feiura crua do mundo lá fora e da Revolução, *ela* era perfeita. Seus cabelos dourados, suas belas mãos pequenas, tão brancas e imaculadas quanto mãos de anjos, seu rosto inocente... O vestido pálido de musselina que usava, com rendas espumando ao redor do pescoço

e sobre os pulsos, fazia com que parecesse tão intocável quanto uma santa.

Mas, agora a Revolução havia despedaçado a ordem correta das coisas; ninguém estava a salvo. Se podiam matar o rei, podiam matar qualquer um.

— Madame... — Ele hesitou, relutante em compartilhar a má notícia.

— Fale livremente, Henri — disse ela. — Preciso saber o pior.

— Mais três lacaios foram embora, madame — informou ele —, e duas das criadas. Pior ainda: há homens de Paris no posto da Guarda Nacional na aldeia. Jeanne informou que estão usando faixas tricolores.

No começo, o tricolor representara camponeses autoengrandecidos e tolos excessivamente instruídos, com ideias grandiosas acima de sua condição, de um “direito à igualdade” e de “liberdade da tirania”. Mas, ao longo do último ano, seus supostos ideais haviam chegado às profundezas do assassinato brutal dos próprios nobres que lhes pagavam os salários e a quem a natureza concedera autoridade sobre eles. Agora, a simples menção do tricolor cravava medo no coração até dos aristocratas mais firmes. E vampiros eram os aristocratas mais puros de todos...

A caneta estalou entre os dedos da condessa.

— Homens do Tribunal em *minha* propriedade! Mande um recado ao menino Pierre: ele precisa expulsá-los. Diga que fui para a Áustria, ou talvez para a Prússia. Não importa para onde, contanto que partam. Deus sabe que eu pago o suficiente a ele.

Era típico da condessa pensar no prefeito local como “menino Pierre”, refletiu Henri. Ela o conhecia desde bebê e, embora ele tivesse se tornado um homem forte e beberrão, nunca fora mais do que uma criança para ela.

— Farei como ordena, madame — disse ele, gravemente. — Mas temo que a situação seja perigosamente desesperadora. Não consideraria ir de fato para a Áustria? Ou para a Inglaterra? Dizem que os aristocratas são bem recebidos lá.

— Só se puderem pagar — disse a condessa, seca. — Quando meu dinheiro acabar, quando eu tiver vendido minhas joias, e

então? E isso se eu *conseguisse* deixar o país. O Tribunal vigia os portos e as fronteiras. Gente demais da minha espécie já tentou fugir e fracassou. Não, não abandonarei minha propriedade. Esta terra é minha. Estas pessoas são *minhas*. — Os dentes dela brilharam num rosnado. — Livre-se dos homens do Tribunal, Henri. Não me importa como. Se eu sequer os vir...

Ela se calou de repente. Henri levou um instante a mais para ouvir o que sua senhora já ouvira: passos correndo no lado de fora e, mais além, passos mais pesados, de botas.

A aia da condessa, Demetrice, escancarou a porta e entrou cambaleando, sem se dar ao trabalho de bater. Lágrimas riscavam-lhe o rosto, e o vestido azul bem passado trazia marcas nos ombros e nas mangas.

— Minha senhora precisa fugir. Os homens do Tribunal estão aqui!

A condessa saltou de pé.

— Aqueles brutamontes puseram as mãos em você, Demetrice? Venha cá, criança, deixe-me ver...

— Você deveria se preocupar mais consigo mesma, cidadã.

O homem que surgiu à porta, ladeado por uma turba de seguidores, era magro e pouco impressionante; o preto de sua roupa simples só era quebrado por aquela detestável faixa tricolor. O cabelo era escuro e estava sem talco, e o rosto, decidiu Henri, lembrava apenas o de uma doninha.

— Afinal, é você que viemos visitar.

— Dirija-se a mim pelo meu título adequado! — disse a condessa, cortante.

O homem sacudiu a poeira da manga.

— Se vamos falar de títulos, então sou o cidadão Chauvelin, agente do Comitê de Salvação Pública. Você, por outro lado, não passa de uma aristocrata *ci-devant*: um resíduo inútil de uma era passada. Em nossa França livre, não há mais camponeses, nem mais nobreza, apenas igualdade entre os homens. Seus títulos não valem nada, cidadã.

— Como ousa falar assim com a condessa! — Henri moveu-se para se colocar entre a turba ameaçadora e sua senhora. — Exijo que deixem este lugar imediatamente, ou nossos guardas...

— Não tem a quem chamar — cortou Chauvelin. — Os criados desta casa estão presos ou fugiram. Esta mulher é acusada de traição contra a República e de suborno de funcionários do governo. Você, cidadão, pode estar sob a influência dela, caso em que as acusações contra *you* serão reduzidas. Mas aconselho que se afaste enquanto ela é levada sob custódia.

Dois homens com faixas tricolores avançaram, trazendo grilhões entrelaçados com flores de alho selvagem. Henri hesitou; servira fielmente à condessa por anos, assim como seu pai e seu avô antes dele. Mas aqueles homens do Tribunal não eram uma ameaça ociosa, e ele não tinha desejo algum de ser encarcerado numa prisão úmida da cidade.

A condessa manteve-se firme.

— Henri, Demetrice, protejam-me! — ordenou.

Uma fúria súbita incendiou Henri, como se ele tivesse acabado de beber uma jarra de vinho quente. Todo o resto se apagou, restando-lhe uma única paixão ardente: precisava proteger a condessa, custasse o que custasse. Sem hesitar, lançou-se contra os homens que se aproximavam. Demetrice juntou-se a ele, gritando e se debatendo, as unhas buscando-lhes os olhos.

— Chega!

Chauvelin sacou a pistola, engatilhou-a e atirou na condessa. O disparo foi ensurdecedor no aposento de cortinas fechadas. Henri o teria ignorado, afinal, sua senhora era invulnerável a balas, mas ela *gritou*. Impelido por um impulso que não conseguia controlar, Henri se virou do homem que acabara de socar para ver a condessa encolhida no chão. O sangue escorria de seu ombro, encharcando o vestido branco.

A distração foi suficiente para que os outros homens dominassem Henri e Demetrice. Na turba, Henri reconheceu pessoas da aldeia, outros criados do castelo, gente que conhecera a vida *inteira*. Ainda assim, eles o seguravam como se fosse um louco demente, olhando-o com um misto de pena e medo.

Chauvelin trocou friamente a pistola vazia por outra carregada, entregue por um subordinado.

— Acorrentem-na — ordenou. — E abram as cortinas. Precisamos de um pouco de luz aqui.

Os olhos da condessa estavam arregalados de dor.

— Como... Como... — ela arfou, lágrimas de sangue escorrendo-lhe pelo rosto.

— O Comitê de Salvação Pública autorizou o uso de balas de madeira. — Ele observou, com a pistola engatilhada, enquanto seus homens algemavam as mãos dela às costas.

Henri lutou inutilmente quando as cortinas foram abertas com violência. Poeira cascateou quando o pesado brocado antigo foi puxado para trás, deixando entrar a luz impiedosa do sol. Embora não pudesse feri-la, a condessa virou o rosto, murchando nas mãos de seus captores.

— E agora? — ela exigiu saber. O fluxo de sangue ao longo do braço diminuía. — Vão me levar a Paris para julgamento? Ouvi dizer que é isso que vocês, *camponeses*, fazem.

— Isso será... desnecessário. — Chauvelin enfim baixou a pistola. — Normalmente, você iria a Paris, para a prisão ou a guilhotina. Contudo, para bebedores de sangue como você, que resistiram à prisão, estou autorizado a conduzir um julgamento imediato antes do anoitecer. A República não pode permitir que seus inimigos escapem. Antes de o sol se pôr, você enfrentará a estaca e a guilhotina.

— Vocês não podem fazer isso comigo! — A condessa estava enfraquecida pelo sol, mas ainda assim foram necessários mais homens para contê-la enquanto era arrastada em direção à porta. — Sou a condessa d'Angoulême! Posso estas terras há séculos. Tenho amigos em Paris. Eles mandarão matá-lo por isso!

— Você não tem mais amigos em Paris, cidadã — disse Chauvelin. — E receberá muito mais justiça da República do que qualquer cidadão comum da França recebia antes da Revolução. — Ele retirou uma tabaqueira do bolso e aspirou uma pitada de rapé enquanto seus homens meio arrastavam, meio carregavam Henri e Demetrice atrás dela. — Hoje, cidadã, é a República que governa a França. Vocês, aristocratas e bebedores de sangue, vocês, *sanguinocratas*, não são mais bem-vindos... e não serão mais tolerados.



UM

Quer dizer que eles nem usam calças? — perguntou Sarah, chocada.

— Eles não usam *culotes* — corrigiu Melanie. — Todos os *aristos*, que é como chamam os figurões de lá quando querem ser rudes, chamavam o povo comum de *sans-culottes* porque não usavam aqueles culotes elegantes até o joelho. Mas roupa cheia de babado não anda ajudando muito agora que estão todos perdendo a cabeça. Né... Não é assim, Nellie?

Eleanor não ergueu os olhos de onde secava a louça. Relaxar no trabalho na casa da baronesa de Basing era uma péssima ideia, mesmo entre os outros criados na cozinha do andar de baixo. Ela levava tempo suficiente para subir até o posto de criada interna, e a possibilidade de servir como aia de uma dama de verdade estava quase ao seu alcance. Não iria estragar suas chances agora.

— É basicamente isso — concordou, pegando outro prato fino, um do conjunto com desenhos cor-de-rosa e borda dourada. — Embora os jornais digam que todos os cidadãos só vestem farrapos, de qualquer jeito, exceto os que estão na Assembleia.

— Parte meu coração — disse a sra. Dommings, sovando a massa com mãos poderosas — ouvir vocês falando do que eles vestem e não do que aqueles franceses malignos estão fazendo. Uma nação que mata o próprio rei é amaldiçoada por Deus e pelos homens. — Ela socou a massa outra vez. — Se não fosse

aquele heroico Pimpinela Escarlata salvando a pobre nobreza perseguida da guilhotina, centenas de outros estariam mortos. Mortos de vez, se contar os vampiros. Não sei como ele faz isso.

Eleanor e Melanie reviraram os olhos uma para a outra, reprimindo suspiros. A sra. Dommings era a maior chata do mundo quando começava a falar do misterioso Pimpinela Escarlata e de como ele resgatava aristocratas inocentes de terem as cabeças cortadas. Qual era o sentido de discutir um homem cuja única característica conhecida era ser misterioso? Nem os aristocratas franceses resgatados sabiam coisa alguma a seu respeito, ou diziam não saber.

Sarah começou a descascar cenouras para a ceia dos criados. Ela e Melanie faziam parte do serviço diurno da mansão; o serviço noturno assumiria mais tarde. Lady Sophie raramente fazia refeições regulares, mas os criados precisavam de sustento, como qualquer outro ser humano. Ainda assim, quando se tinha uma vampira como patroa, trabalhava-se à noite e sem reclamar.

— Queria que não fosse preciso aprender francês. Num faz nenhum... — Sarah fez uma pausa e corrigiu a gramática, sob o olhar severo da sra. Dommings. — Quer dizer, *não* faz sentido nenhum.

— A baronesa gosta que todos na casa saibam falar francês para quando recebe visitantes franceses — disse Eleanor, consciente de sua posição como a criada mais antiga das três. — Além disso, com todos os aristocratas deixando a França, talvez acabemos trabalhando para algum deles.

Mais importante ainda: sem falar francês, não havia esperança alguma de subir na hierarquia da casa e trabalhar no andar de cima. Eleanor não tinha intenção de passar a vida inteira na cozinha.

— Essa é a atitude certa, Nellie — disse a sra. Dommings. — Não que sua senhoria goste de perder funcionários, mas quem sabe? Todas nós dissemos que o que aconteceu na França não podia acontecer, e aconteceu. Serve de lição. O rei deles morto, a pobre rainha, o príncipe e todos os amigos presos. Apavorante.

Eleanor assentiu e manteve um controle firme sobre os próprios pensamentos. *Só preciso continuar trabalhando. Se eu conseguir aprender francês como sua senhoria quer, se eu for boa o bastante no bordado, boa o bastante no serviço, então talvez um dia consiga sair desta cozinha...*

Sua senhoria, a baronesa de Basing, podia ser uma boa patroa, mas também era verdade que não gostava que os criados fossem embora. E Eleanor queria mais do que a vida em Basing. Uma aia poderia viajar a Londres com sua senhoria e talvez até conseguir um posto ali com alguma amiga dela ou, nos sonhos mais ousados de Eleanor, trabalho como modista e bordadeira. Ninguém podia acusar sua senhoria de não ter amigos, vivos ou vampiros. Dois deles estavam hospedados ali naquele exato momento, e o cavalheiro *certamente* usava culotes. De cetim bordado, inclusive.

— Como vão as coisas com o jovem William, Nellie? — perguntou a sra. Dommings. Tentou soar casual, mas os olhinhos atentos estavam brilhantes e alerta. — Não tenho ouvido muito sobre ele ultimamente.

— Não o tenho visto muito ultimamente, senhora — disse Eleanor.

— Bem, você sabe o que sua senhoria diz — insistiu a sra. Dommings. — É melhor casar do que queimar.

— Pode até ser, mas não era eu que estava queimando — disse Eleanor. Ela pousou o último prato, consciente de Melanie e Sarah trocando olhares e abafando risadinhas. Gostaria de poder conduzir a conversa de volta ao misterioso Pimpinela. — Sinceramente, senhora, foi ele que correu atrás o tempo todo, e eu não fiz nada além de dizer não.

— Pode ser, mas nenhum homem corre atrás de uma mulher sem que ela o esteja incentivando — disse a sra. Dommings com firmeza. — Se sua mãe não estivesse tão longe, na propriedade rural de sua senhoria, tenho certeza de que a mãe dele já estaria conversando com ela.

Um arrepio percorreu a espinha de Eleanor. Ela achara que fora clara com William da última vez que conversaram. Tudo não passara de alguns passeios juntos. Ele não era um homem

ruim, mas, se os pais deles, ou pior, sua senhoria, quisessem vê-los casados, ela não teria escolha. Já tinha 22 anos. Muitas criadas eram casadas nessa idade. As paredes da velha casa pareceram se fechar à sua volta como os lados de um túmulo.

Claro que ela *podia* dizer não, afinal, o casamento na igreja exigia que homem e mulher dissessem sim ao vigário. Mas sua vida não valeria a pena, com a mãe contra ela, todos os criados mais velhos dizendo que ela o havia iludido, sua senhoria desaprovando seu comportamento... haveria pouca chance de Eleanor conseguir um posto mais alto ou ir para Londres se isso acontecesse. Era fácil para as pessoas dizer que bastava se impor, mas mais difícil fazê-lo de fato quando se tinha de viver com as consequências. Talvez damas ricas pudessem escrever panfletos sobre os direitos das mulheres, mas Eleanor podia apostar que elas não precisavam passar o tempo limpando grelhas, secando pratos ou descascando cenouras...

Seu humor sombrio foi interrompido pelo ranger da porta da cozinha se abrindo. Ela se apressou em pegar o último prato para dar-lhe um polimento desnecessário, sem querer parecer ociosa, antes de olhar para ver quem era.

O sr. Barker, o mordomo, examinou a cozinha como um general passando em revista seu regimento de soldados, os polegares enfiados nos bolsos do colete. O nariz estava vermelho; devia ter se rendido ao gim outra vez, ainda achando que ninguém percebia.

— Sua senhoria pediu vinho, ratafia e biscoitos para os convidados — anunciou —, e o de costume para ela mesma.

— É a sua vez, Sarah — disse Melanie, num tom entre alegria e malícia. — Vá buscar a lanceta e o copo. Eu lhe mostrei onde ficam.

Com os lábios pálidos, Sarah correu até o armário que guardava os copos particulares de sua senhoria. Eleanor não *queria* muito assistir, mas havia um fascínio perverso em todo o processo. Caridosa, buscou um pano de linho limpo enquanto Sarah limpava rapidamente a faca longa e fina com água da chaleira fervente sobre o fogão. A nova criada ainda se adaptava ao francês e à

gramática correta, mas aprendera rápido o bastante aquela parte do trabalho. Afinal, sua senhoria era uma vampira, e vampiros precisavam de mais do que biscoitos para se sustentar.

— Ande logo — ralhou o sr. Barker. — Acha que ela vai esperar o dia inteiro? E você, Nellie, trate de não sujar a roupa com sangue. É você quem vai levar a bandeja até ela.

— Eu, senhor? — Eleanor ficou encantada, pois era uma chance de provar que dava conta do serviço, mas também surpresa. Atender sua senhoria com convidados presentes costumava ser privilégio das criadas do andar de cima. Apesar de todo o seu esforço, ela ainda não recebera essa oportunidade.

— Sua senhoria pediu especificamente por você — disse o sr. Barker. Ele lhe deu um tapinha no ombro, de modo quase paternal. — Mas não fique nervosa, menina. Lembre-se das lições e das boas maneiras, e vai sair-se perfeitamente bem. As bebidas estão numa bandeja do lado de fora, no corredor; deixei os copos prontos. Tudo o que precisa fazer é colocar a bandeja sobre a mesa, fazer a reverência e sair.

— Sim, senhor — disse Eleanor, já imaginando todas as coisas que poderiam dar errado.

Sarah arquejou quando a lanceta entrou em sua veia. Ela cerrou os dentes enquanto o sangue escorria para um dos pequenos copos de vidro que a baronesa gostava de usar.

— É isso, querida — disse a sra. Dommings com suavidade. Ela sempre assumia um tom maternal quando supervisionava as meninas na sangria, provavelmente porque já não lhe pediam isso havia muito tempo, como Melanie certa vez comentara com malícia. Sua senhoria preferia as mais jovens. — Isso mesmo. Agora ponha a faca de lado e certifique-se de se enfaixar direito.

O sr. Barker virou Eleanor para inspecioná-la. A moça foi tomada por um alívio frenético por estar usando seu melhor vestido, de uma bonita musselina cinza-azulada com gola branca bem limpa. O avental branco ainda estava impecável, apesar do calor do verão e do trabalho na cozinha, e o cabelo louro e pálido, que se recusava a ficar dourado, não importava quantas vezes ela o lavasse com camomila, estava arrumado e no lugar.

— Sim — disse ele. — Vai servir. Os biscoitos estão prontos, Melanie?

— Tudo pronto, senhor. — O tom de Melanie era respeitoso, mas o olhar que lançou a Eleanor era de pura inveja. — Aqui estão.

Eleanor apanhou o prato de biscoitos, os pratinhos e o copo de sangue.

— Mais alguma coisa, senhor?

— É tudo — respondeu o sr. Barker. — Agora ande logo, já faz cinco minutos que sua senhoria chamou.

Eleanor subiu as escadas apressada, parando no corredor dos criados para arrumar os refrescos na bandeja. Isso também lhe deu a oportunidade de ouvir o restante da conversa na cozinha.

— Não vejo por que *ela* foi chamada — resmungou a sra. Dommings. — Até parece que Nellie leva jeito para alguma coisa que não seja costurar. Por que não Jill ou Susan?

— Sua senhoria pediu especificamente por ela — disse o sr. Barker, num tom que encerrou a conversa. — E eu não vou discutir com sua senhoria. Você vai?



Sua senhoria estava no salão da frente com os convidados; era ali que sempre recebia visitas à tarde. Eleanor parou do lado de fora do cômodo para apoiar a bandeja e conferir se as mãos estavam limpas. Era uma pena não haver espelhos por ali, como havia em casas pertencentes a pessoas que eram, bem, *vivas*, mas todos acabavam se acostumando.

Eleanor respirou fundo para firmar os nervos. A mente, pouco colaborativa, despejava imagens de tudo que poderia dar errado. Ela podia tropeçar no tapete no instante em que entrasse. Podia derramar a ratafia e os biscoitos sobre os convidados, ou pior, o sangue sobre sua senhoria. Podia dizer algo que não devia. Podia deixar de dizer algo que devia. Podia escorregar num tapete, deslizar pelo chão inteiro, bater nas janelas, arrancar as cortinas e

quebrar o vidro. E *qualquer* uma daquelas peças valia mais que um ano do seu salário.

Uma gargalhada masculina, estridente e tola, explodiu do interior do cômodo e ressoou pelo corredor, e provavelmente pelos dois aposentos seguintes. Aquilo lhe deu uma espécie de coragem; ela podia ser apenas uma criada naquela casa, mas ao menos não era *estúpida*. Recomposta, entrou.

A luz incidia sobre metade do salão, vinda das janelas cujas cortinas estavam abertas, de modo que os convidados estavam sentados numa explosão de sol. Sua senhoria, porém, estava protegida dos raios mais fortes por pesadas cortinas de veludo. Vampiros podiam andar à luz do sol, mas não gostavam dela. Quando sua senhoria avistou Eleanor, fez-lhe um gesto para que se aproximasse com a bandeja. O cabelo de sua senhoria estava bem cheio de talco — nada de mudanças de moda para *ela* —, e a pele permanecia sempre impecavelmente pálida, como creme. Vestia sedas cinza-claro e lavanda; a saia ampla se espalhava num mar de bordados complexos, e o rosto parecia tão perfeitamente sereno que ninguém imaginaria que ela não podia usar um espelho para se maquiar pela manhã.

Os dois convidados, em contraste, exibiam o auge da moda atual, e ambos eram humanos, bem vivos e respirando. O homem era alto; não, positivamente gigantesco, decidiu Eleanor. Tinha pelo menos um metro e oitenta, cabelos louros reluzentes e olhos azuis cintilantes, mas um ar embotado e vago que arruinava o efeito polido. O casaco e os culotes de seda creme eram tão caros no corte quanto as roupas de sua própria senhoria, e bordados com uma elegância que fez Eleanor desejar examiná-los mais de perto. Estava largado na cadeira, como se jamais lhe tivessem dito que era educado sentar-se ereto.

A mulher ao lado dele era muito moderna, com apenas um pouco de talco no cabelo. O tom natural, entre ruivo e dourado, reluzia ao sol de um jeito que fez Eleanor arder de inveja. Ela usava o vestido mais recente da moda, feito de musselina fluida, com cintura alta e uma faixa de seda no mesmo tom de creme do

homem, sem nenhuma armação para dar volume à saia. Riu de algo, e o homem (o marido dela?) sorriu de volta.

Em desespero, Eleanor revisou mentalmente as regras de etiqueta. *Convidados primeiro, depois sua senhoria.* Fez uma medida ao homem e ofereceu a bandeja.

Ele ergueu os olhos para ela com um sorriso preguiçoso enquanto a mão se fechava em torno de um dos copos. E então o rosto se congelou, o sorriso escorrendo como manteiga numa chapa quente. Os olhos se estreitaram com uma inteligência súbita e aguda. Mas segundos depois aquele foco se perdeu, e ele voltou a piscar de modo vago, transportando copos e decantadores da bandeja para a mesa lateral.

— Diabos, minha querida Sophie — disse ele à sua senhoria —, você podia ter nos avisado!

A companheira seguiu o olhar dele e arregalou os olhos.

— *Pardieu!* — exclamou, com um sotaque decididamente francês. — É idêntica. Quem acreditaria?

Eleanor ficou ali plantada como um toco, a surpresa dando lugar à irritação, enquanto os convidados a examinavam com um interesse decididamente pouco digno. Aparentemente, ela se parecia com alguém que conheciam, isso era óbvio, mas não significava que precisassem ser *grosseiros* a respeito. Mas o que mais esperar da aristocracia? Eles se comportavam assim e chamavam de franqueza; porém, se alguém como *ela* expressasse sentimentos, chamariam de insolência e isso lhe custaria o emprego. Ela não podia se dar a esse luxo. Por isso, manteve o olhar baixo e ofereceu à sua senhoria o copo de sangue.

— Está vendo? — disse Lady Sophie ao apanhar a bebida. Ela deu um gole, e o sangue fresco surgiu escarlate em seus lábios antes que o lambesse. — Eu disse que podia surpreendê-los, Percy.

— De fato, é verdade. Creio que a última vez que fiquei tão espantado foi quando minha adorável Marguerite disse sim para mim. — O homem serviu ratafia para a mulher e depois vinho para si. Então, dirigiu-se a Eleanor. — Deve nos desculpar, minha querida. Ficamos assombrados com seu rosto, só isso. Uma

leve semelhança com alguém que ambos conhecemos. Espero que possa nos perdoar.

— Claro, milorde — murmurou Eleanor, atônita por ele ter se dado ao trabalho de pedir desculpas. Perguntou-se com quem se parecia.

Sua senhoria deu um tapinha no braço de Eleanor; a carne estava fria através das camadas de luva e manga, mesmo no calor do verão.

— Nellie vem me servindo há alguns anos. É uma moça boa e obediente, e muito hábil no bordado. Você admirava minhas luvas mais cedo, Marguerite. Trabalho seu, não foi, Nellie?

— Sim, minha senhora — disse Eleanor, desta vez com uma onda de orgulho genuíno.

— Bom o bastante para Londres — disse Marguerite, sorrindo para Eleanor. — Você realmente deveria nos visitar com mais frequência, minha querida Sophie. Um pouco do seu discernimento seria bom para a sociedade londrina.

— Por que preciso de Londres quando tenho você para me trazer todas as notícias? — perguntou sua senhoria, e pousou o copo vazio na bandeja de Eleanor. — Pronto, pode ir agora, Nellie... Além disso, minha querida Marguerite, ouvi dizer que a sociedade londrina anda cheia de *émigrés* franceses, fugitivos e outros visitantes daquele pobre país. Diga-me, é verdade o que dizem sobre o Pimpinela Escarlate?

O homem, Percy, bufou enquanto Eleanor se esgueirava em direção à porta.

— Valha-me Deus, o sujeito é o mais puro tédio! Londres não fala de outra coisa. Compus até um pequeno poema sobre o assunto.

— Ah, sim — disse sua senhoria. — Ouvi falar desse. Procuram-no aqui, procuram-no ali...

Percy acenou com uma mão pálida, de dedos longos.

— Às vezes sou inspirado, querida. Mas aqueles de nós que prefeririam discutir assuntos mais importantes, como o corte de nossos casacos ou a altura de nossas gravatas, são preteridos,

totalmente preteridos. Até minha amada esposa prefere falar dele durante o jantar...

Eleanor fechou a porta atrás de si, cortando a conversa. A tentação a roía. Ela não se interessava particularmente pelo Pimpinela Escarlata nem por aristocratas franceses, mas *queria* descobrir por que haviam se assustado tanto com sua aparência, e com quem ela se parecia. Talvez não quisessem discutir isso enquanto ela estava na sala, mas agora que não estava...

Os criados do andar de baixo tinham suas próprias conspirações e segredos: como conseguir comida extra, onde dava para economizar na limpeza e, em ocasiões como aquela, quando sua senhoria ou os criados de cima guardavam segredos, onde ouvir às escondidas. O Quarto Amarelo recebera esse nome por causa do papel de parede listrado de limão e das cortinas com cor de topázio. Ficava diretamente ao lado do salão da frente, e as duas lareiras compartilhavam a mesma chaminé. Eleanor sabia que não haveria ninguém limpando ali naquela hora. Entrou no cômodo em silêncio, apoiou a bandeja com o copo manchado de sangue sobre uma mesa lateral e avançou de mansinho até a grande lareira. No calor do verão, não havia fogo, nem cinzas, com que se preocupar.

Os murmúrios se transformaram em vozes claras. A de sua senhoria foi a primeira que Eleanor conseguiu distinguir.

— ... a propriedade é um problema, claro. Embora eu faça o possível para ajudar...

— A Inglaterra é um lugar danado de grande — disse Percy. — E os ingleses são um povo amigável, minha querida Sophie. Certamente simpatizarão com vítimas que foram perseguidas para fora do próprio país apenas pelas circunstâncias em que nasceram. Afinal, não se pode evitar ser de nobre estirpe.

— Enquanto o dinheiro da vítima durar, talvez — respondeu sua senhoria, em tom surpreendentemente cortante. — Mas a declaração de guerra contra a França, em fevereiro, pode ter colocado as coisas em outro patamar. As atitudes do público tendem a mudar. E quanto ao Pimpinela Escarlata? Ele e sua Liga continuarão a exercer seu ofício?